

Maria Rosa D. de Oliveira defende, com I. Bessièrre, que o fantástico não é um gênero, mas, sim, um modo literário, que, em “Entre santos,” não se fixa na matriz do fantástico do século XIX, com sua inclinação para o estranho; move-se, antes, entre esta e a matriz realista, sem anular uma pela outra. Em vez da polarização entre o real e o irreal, entre o visível e o invisível, temos a ambivalência que põe o leitor a investigar as formas de razoabilidade.

É isso, sem ser bem isso.

Renata Coelho Marchezan

UNESP- Universidade Estadual Paulista

Jáuregui, Carlos A. *Canibalia: Canibalismo, calibanismo, antropofagia cultural y consumo en América Latina*. Madrid: Iberoamericana y Vervuert, 2008. Bibliography. Index. 724 pp.

Vencedora do prestigioso prêmio Casa de las Américas, de Havana, Cuba, esta obra discorre sobre questões centrais no universo simbólico das representações artísticas da América Latina: o canibalismo (real ou imaginário) e seus temas afins, como o calibanismo e a antropofagia cultural. São sete longos e bem documentados capítulos, além de uma extensa introdução, que nos remetem ao vasto e diversificado papel da questionável realidade sócio-histórica do canibalismo segundo o que se lê nos depoimentos de viajantes europeus e se percebe nas artes produzidas ao longo de mais de cinco séculos.

“El cuerpo constituye un depósito de metáforas” (13), diz o professor de literatura e antropologia cultural da Universidade de Vanderbilt ao iniciar seu inovador estudo. Com essa sucinta colocação o autor inaugura sua erudita reflexão multidisciplinar apoiada em variados pressupostos teóricos e ideológicos, do marxismo ao pós-colonialismo e do substrato lexicográfico e etimológico aos imperativos mercadológicos da arte.

No primeiro capítulo, de título homólogo ao do volume como um todo, faz-se uma arqueologia da invenção do ser “canibal” dentro da economia simbólica maniqueísta do mundo “selvagem” americano. Questionam-se, também, as razões imperialistas para se relatar a existência de um ser estranho em face à encomenda evangélica de representação do mal. No segundo capítulo, porém, a atenção recai sobre o canibalismo dos próprios europeus e o horror da experiência colonial. Além disso, há espaço para a análise do legado literário e documental da crescente consciência crioula do movimento barroco, com ênfase sobre os escritos de Bartolomeu de las Casas, Jean de Lery, Michel Montaigne e Juana Inés de la Cruz.

“Guardarropía histórica y simulacros de alteridad,” o terceiro capítulo, aborda a representação do nobre selvagem e dos ditos canibais tanto dentro do que se costuma chamar de Iluminismo Atlântico como também nos pilares da mentalidade crioula e do nacionalismo de emancipação, como os da criação do

“tigre de los llanos” e “el caníbal de Buenos Aires.” Jáuregui não deixa de apontar as várias facetas contraditórias do Romantismo latino-americano, inclusive a ausência ficcional dos africanos e afro-descendentes na literatura de José de Alencar.

No capítulo IV, sobre “Los monstruos del latinoamericano arielista,” o autor comenta o medo de ser comido em Cuba, o suposto triunfo do arielismo apocalíptico e a versão indigenista do mesmo na Bolívia. Concentram-se os argumentos nos escritos de José Martí e José María Vargas Vila.

O tópico do quinto capítulo, “Antropofagia,” é o consumo cultural como forma de modernidade e utopia. Aos leitores habituados a crer e celebrar os ditames da antropofagia cultural preconizada por Oswald de Andrade, será evidente a dose (nem tanto) discreta de cinismo com o qual Jáuregui discerne e retrata os paradoxos da modernidade estética como forma de afirmação da cultura nacional. Haveria no poeta/romancista paulista um (anti) indianismo canibal, uma utopia dionísica naquela invenção da antropofagia cultural como festa, onde afloram as inúmeras heterodoxias de um comunista sem par.

Jáuregui considera a Semana de Arte de 1922 um evento mítico, uma modernidade estética para uma “economia de sobremesa,” termo este que toma emprestado a Mário de Andrade, sem se afastar, aliás, da visão desencantada que o próprio autor de *Macunaíma* expunha do evento, em 1942. Mário de Andrade afirma: o Modernismo foi “una cosa costosísima” que somente um milionário como Paulo Prado e uma cidade “tan provinciana como São Paulo” poderiam realizar e objetivar na Semana (Jágueri 397).

O valor maior da reflexão de Jáuregui não se encontra na reduplicação daquelas considerações mário-de-andradianas, mas, sim, na profundidade das pesquisas de arquivo e amplitude da leitura de fontes primárias que orientaram sua crítica bem informada sobre as várias fases e metamorfoses do (ex)comunista Oswald de Andrade. Jáuregui então utiliza essas fontes para solidificar uma de suas teses: “Los modernistas no querían llegar tarde, pero sentían que todo les llegaba tarde y, en consecuencia, se fabricaban una modernidad en la práctica literaria y el consumo, sucedáneos que sincronizaban el reloj de la ‘cultura local’ con el que daba la hora universal” (398).

A obra de Jáuregui também oferece passagens bem humoradas ao apontar outras facetas do Modernismo brasileiro. Entre as inúmeras fontes secundárias estudadas, o olhar matreiro do pesquisador privilegia o ataque dos modernistas sobre os românticos, especialmente sobre seu simbolismo comprometido com valores da matriz colonial. Jáuregui cita a irônica “homenagem” de Antônio Garrido a José de Alencar em “Filosofia de antropófago” (publicada originalmente na *Revista de Antropofagia*): “A primeira negociata internacional dos brasileiros foi aquela de Poti (Camarão), aliando-se aos portugueses contra os holandeses [. . .] / A culpa foi do batismo. Depois que ele se chamou dom Antônio, deveria ter sido comido sumariamente. [. . .] / Aqueles românticos, metidos a fazer epopéias, arrasaram a tribo” (Jáuregui 413).

Canibalia vai questionar os dramas (neo)coloniais do Caribe no capítulo cinco, “Calibanismo.” Revisitando Shakespeare de uma perspectiva pós-colonialista, e investigando os processos de transculturação, a mestiçagem, e as configurações identitárias afro-calibânicas da revolução haitiana, Jáuguerei conclui que Calibán é o signo do canibal reescrito, o corpo da barbárie silenciado, temido e disciplinado pelo Império, pelo Estado-Nação e pela palavra escrita, e, por isso mesmo, disputado, reivindicado e convidado a escrever (537). Para Jáuguerei, Calibán não é um tropo, mas “una *metáfora palimpsesto*”: “El calibanismo há sido – incluso en sus fracasos – un asedio pertinaz y, si se quiere, neurótico de la esperanza; así lo prueban las re-escrituras y re-apropiaciones de *The Tempest* y la insistencia en volver una y otra vez a ese escenario conceptual – sucedáneo simbólico del inaugural, colonial, violento y inalcanzable lugar del trauma – como si allí, recóndito, estuviera el secreto y la cifra de ese palimpsesto que es la identidad latinoamericana” (537).

Assumindo uma postura crítica primordialmente pós-colonial e neo-marxista, Carlos A. Jáuguerei emprega teorias de Nestor García Canclini, Stuart Hall, Susana Hernández Araico, Fredric Jameson, Karl Marx, Walter Mignolo e Gayatri Spivak, entre muitos outros. Em seu capítulo final, *Canibalia* elabora uma leitura sardônica de uma expressão cultural latino-americana baseada numa forma de antropofagia acriticamente comemorada. Num certo Brasil de 1998, o autor inspeciona o desfile de Carnaval do Rio de Janeiro, a arte plástica da Bienal de São Paulo e várias outras manifestações culturais, como filmes de Walter Salles (especialmente *Central do Brasil*), a música dos tropicalistas (de um Caetano Veloso) e pós-tropicalistas (de uma Adriana Calcanhotto), e vê por ali uma espécie de Calibán reciclado.

Jáuguerei denuncia então o consumo capitalista como discurso de Calibán e como comida de antropófago numa era em que o próprio discurso da cidadania é construído via consumo. Desfrutam-se alegorias de horror, imagens góticas e eróticas de consumo do corpo canibal/Calibán, um ser visto como “una manera en que nosotros, moscas-Arieles en médio del desencanto, cortejamos el esquivo lugar de la utopía” (604).

Dário Borim Jr.

University of Massachusetts – Dartmouth

Isfahani-Hammond, Alexandra. *The Masters and the Slaves: Plantation Relations and Mestizaje in American Imaginaries.* New York: Palgrave Macmillan, 2005. 161 pp.

The Cuban poet and cultural critic Roberto Fernández Retamar wrote in 1971, with regards to Caribbean and, by extension, Latin American subjectivity: “Our symbol then is not Ariel, as Rodó thought, but rather Caliban. This is some-